

O CARÁTER ACOLHEDOR DA LÍNGUA PORTUGUESA — um olhar sobre o caso do cinema

Edione Trindade de Azevedo

Toda língua viva está sujeita, ao longo de sua história, à penetração de influências estrangeiras sobretudo na área do léxico; e todas essas influências lexicais estão relacionadas aos empréstimos culturais, na realidade, os únicos responsáveis pelas trocas, uma vez que as línguas existem em contato por um ou outro motivo.

Estudar uma língua é estudar o homem em sua totalidade no mundo em que ele vive, na região onde ele habita, partindo-se do fato de que a língua está presente em todas as suas atividades e que todos os itens lexicais ingressam exatamente através de novas invenções e da aquisição de novos hábitos, quer sejam materiais, espirituais, linguísticos ou de costumes.

É a língua o meio de demonstração de todo o seu desenvolvimento através dos anos de sua existência, refletindo sua maior e sua menor descoberta, sua crença e seus ideais políticos.

O problema do aparecimento da cultura fascinou muitos pesquisadores durante algum tempo. O desafio de descobrir como ela teria se originado, se única ou diversificada, caracterizando povos com hábitos diferentes, envolveu o interesse de antropólogos que se dividiram em dois grupos:

- os que consideravam que a cultura teria tido uma origem comum e única;
- os que defendiam a idéia de que ela teria surgido de focos múltiplos e independentes.

O fato de se constatar semelhanças culturais entre povos distantes, que nunca haviam tido contato entre si, só poderia ser explicado pela origem comum da cultura, com inventos que teriam sido realizados numa só vez na

história da cultura e que depois se difundiram pelo mundo. Franz Boas (1940) pertencia a outra corrente e assumia que, sendo o homem a base fundamental da cultura, e sendo ele o mesmo em toda a parte, seria claro se acreditar que a linha de evolução das culturas dos povos poderia ter sido a mesma em vários aspectos, mesmo sendo originária de focos ou centros múltiplos. Essa é a teoria das “idéias elementares” que divulga a idéia de que todo o gênero humano em qualquer tempo ou lugar teria manifestações semelhantes, sem muita distinção, favorecidas pela homogeneidade da natureza humana, física e psicológica que levariam à produção de idéias elementares, básicas e fundamentais, resultando em culturas paralelas.

Quanto à difusão das idéias entre os povos, é claro que o interesse de divulgar e de receber elementos novos atrai os interesses comerciais e os coloca em contato de modo a tomar conhecimento de um novo dado que permitirá a ampliação dos hábitos de uma comunidade. Daí os empréstimos e a aceitação dos traços culturais ou padrões de outras sociedades, grupos, classes e indivíduos e a transmissão de elementos culturais de uma sociedade para outra.

Portanto, é natural para um brasileiro apertar a tecla *snooze* de seu rádio digital, levar as crianças ao *playground*, beber um refrigerante *diet*, vestir seus *jeans*, fazer aplicações no *over* e no *black*, fazer um *check up*, ter *know-how*, ler um *best-seller*. Na “moda”, todo novo estilo chega acompanhado de um novo nome. Do francês temos o *chamois*, *voiles*, *prêt-à-porter*, *coutûre*, *griffes*, *caleçon*, *écharpes*. Do inglês os termos *blazer*, *spencer*, *wearable*, *designers*, *fashion*, *oversize*, *ready-to-wear*, calça *five pockets* e outros.

Não se pode descartar a hipótese de que os meios de comunicação são responsáveis pela fixação dessas influências, mas também não se pode perder de vista a importância que têm as trocas para o desenvolvimento cultural de um povo. Paralelamente, não se pode descartar a idéia dos empréstimos, ocorram eles em qualquer nível, uma vez que se tenha a compreensão de que nenhuma nação está permanentemente isolada.

A língua é um complexo cultural. Ela tem suas características especiais e se constitui como um corpo que comporta formas costumeiras e rotineiras transmitidas de geração para geração e de sociedade para sociedade. Somos introduzidos na linguagem por outras pessoas da comunidade, e assim viemos a saber como usar as palavras, o que faz da linguagem uma atividade inerentemente pública ou comunitária.

Observando o comportamento da língua quando da incorporação de termos específicos de uma determinada área, nos interessamos pelo estudo dos empréstimos. Poderíamos ter-nos interessado pelos empréstimos sofridos pela língua através da computação, área em que se observa um número expressivo de empréstimos técnicos, em sua maioria não traduzidos para o português. Os usuários passam a adotar a terminologia técnica que os identifica como parte de um grupo. Desse modo, eles *deletam*, dão *start*, *enter*, *clicam*, e outros mais.

Ao invés disso, optamos pelo atento levantamento dos itens lexicais que

compõem a terminologia técnica do cinema no Brasil, dialeto carioca. O interesse por essa área talvez tenha se dado pelo fato de estarmos tratando da confecção de uma arte, capaz de reproduzir qualquer dos gêneros básicos da palavra escrita. É possível pensar-se tanto em um cinema lírico como em um cinema dramático ou em um cinema épico, da mesma maneira que é possível pensar-se, fora da esfera do filme posado, em cinema-reportagem ou em um cinema-ensaio. Há, entretanto, uma diferença fundamental entre a palavra escrita e a fotografia animada, com consequências decisivas para a elaboração cinematográfica dos gêneros literários. Essa diferença é o realismo de aparências, sua reconstituição fotográfica mais viva e direta do que a palavra escrita. Talvez o interesse por essa área tenha se dado por ser o cinema a arte fascinante da movimentação de pessoas, coisas e cenários em uma tela estática, a vivacidade das cenas, o encantamento de podermos ver diante de nós, de forma bastante real, muitos dos nossos sonhos, medos e fantasias. Tudo isso gerado em parte pelas técnicas de filmagem que se identificam em nossa língua por uma terminologia específica. E o que acontece aqui? Somos repetidores dos nomes utilizados pelos exportadores dessas técnicas e de seus aparelhos ou acabamos por criar e adaptar nosso próprio vocabulário técnico quando falamos de cinema?

A aceitação de novos nomes em uma língua significa uma renovação de vocabulário que se dá, por vezes, por inadequação designativa do vocabulário dessa língua para nomear novas coisas, pessoas, lugares e conceitos. Às vezes, acontece que uma língua simplesmente adquiriu o hábito de tomar de empréstimo palavras apesar de nela já existirem vocábulos correspondentes em uso, talvez pelo simples motivo desse comportamento conferir "status" ao falante pelo uso de um estrangeirismo. O item lexical importado passa a integrar o léxico da língua acolhedora e lentamente vai ganhando as características gramaticais e fonêmicas dessa língua.

O português do Brasil possui fronteiras abertas a todos os tipos de neologismos. Durante o século XIX e a primeira metade do século XX, a influência maior era exercida pelo francês. Hoje, no entanto, os anglicismos ocupam todo o espaço dedicado aos empréstimos em escala bem maior do que aquela atingida pela influência do francês em seu período de prestígio. E é na ciência e tecnologia que se observa maior presença de neologismos. Ambas estão em constante desenvolvimento, o que torna contínua a sua necessidade de provocar a criação de novas expressões expandindo o léxico não só da linguagem especial, mas, de certa forma, do léxico em geral, uma vez que as novidades tecnológicas estão presentes no cotidiano.

A entrada de nova terminologia técnica no léxico da língua portuguesa (e no de outras línguas) se faz com tal frequência e rapidez que já quase não se pode manter um controle de sua atuação na língua.

No que se refere à terminologia técnica do cinema, diferentemente das outras áreas, até mesmo por ser esta uma técnica em uso há mais de 100 anos no país, a adaptação dos termos é evidente.

Somado a isso, foi observado que muitos dos termos utilizados foram

aproveitados dos já existentes na língua, acrescentando-se a eles novos matices semânticos que vieram a atender à necessidade da técnica cinematográfica.

Em nossa pesquisa, de 600 exemplares de jornais investigados, coletamos 170 palavras que se repetiram ao longo das reportagens sobre cinema, e dos manuais e livros, cerca de 700 palavras. Após esse levantamento chegamos à conclusão de que no caso dos manuais e livros técnicos houve tempo para se estabelecer uma terminologia de atuação constante. Há os empréstimos que estão cristalizados e adaptados fonemicamente, e há, em maior número, a terminologia técnica marcada pelo uso dos vocábulos já existentes na língua portuguesa, conforme testado junto a profissionais da área. Já nos meios populares de comunicação, os termos empregados, sempre que não se referem à área técnica, correm o risco de logo desaparecer por falta de uso ou de serem substituídos por outros nomes que estejam entrando no círculo vocabular flutuante da língua.

Esta última conclusão vem nos mostrar o caráter acolhedor da língua portuguesa, aberta a receber contribuições de outras línguas, quer sejam flutuantes ou permanentes. Neste caso, ela os adota e lhes atribui as formas necessárias para que possam se adequar e adquirir “cidadania” junto aos outros elementos de significação de nossa língua.